

1833

TERÇA FEIRA 29 DE OUTUBRO.

N. 5

THEATRINHO

DO

SENHOR SEVERO.

RIO-DE-JANEIRO. TYPOGRAPHIA PARAGUASSU DE D. F. PINTO

INTERLOCUTORES.

Ripança.....

D. Ripança.....

Barão de Serpeja.....

Pinto-nôuro.....

Sara.....

Aurelia.....

Marrinho.....

Antro.....

Pó Inocinante.....

Militar:

Dito

Escriptor:

Engenheiro:

SCENA XIV.

(Sahe Ripança, e D. Ripança.)

D. Ripança. Ora, Ripança, para que hade vossê estar a consuar-se tanto! deixa-te disse; por mais que faças nunca has de passar da cepa torta, isto te digo eu; já vem por raça o sermos desgraçados; olha meu pai bem fez pela vida, mas nunca passou de um pobre alfaiate, antes teve de acabar seus dias fazendo velas de cebo para ganhar algum vintem mais; teu tio, então direite e tua mãe, nunca passou de meirinho, e por mais diligencias que fez para medrar de fortuna nunca ajuntou nada; pois não era mandrião, não; assim mesmo com

aquellas pernas gordas não se descuidava de deitar o gatasio; era um gatasio bem activo; Deos te perdoe; é verdade que algumas vezes aldrabou bem bons vizinhos; mas de que servio? parece sim da nossa familia, não tinha nada de seu; pois para disermos que era extravagante com moças, isso não; tinha la seu conchego, e gostava da sua pinga; mas não vi extendido nos adros das Igrejas, como alguns, elle não; quando se sentia tonto da cabeça, recolhia-se logo para sua casa mesmo cambaleando; e sempre achava algum amigo que lhe desse a mão para o segurar; é escusado matares-te tanto, nunca havemos de ser nada neste mundo; isto é de geração, parece que nascemos para a miséria; cindas que com a tua rapubrica hasde engroçar e ter cousa grande? enganaste; nunca passas de livreiro; cousa grande não é para o teu dente; também podemos passar muito bem sem a rapubrica; e a fallar-te a verdade eu também não agoiro bem da tua rapubrica, e até te peço pela alma de tua mãe que Deos tem na gloria que te deixes disso.

Ripança. Peor é vossé lembrar quem está lá no outro mundo! a fallar-me agora na mãe!...

D. Ripança. Ora veja! fuzo mal! não posso fallar na mãe que te pario e te trouxe abafado no seu ventre de misérias; nem que vosse a matasse! quem a matou? não foi Deos? o que tem então que falle na defuncta: é boa asseio.

Ripança. Matasse quem matasse, não quero o mal fallar n'ella.

D. Ripança. Então seja pela alma de teu sogro, que era meu pai alfeiate de profissão, ou mesmo pela alma de teu tio meirinho que tinha as pernas inchadas que pareciam dous trambolhos.

Ripança. Vosse está hoje embirrente; não quero saber de meirinhos, nem de alfaiates, já lhe disse que não deixo a minha republica, não a deixo.

D. Ripança. Faza o que quizer, e depois não diga que eu não o avisei: ás vezes as mulheres tem cousas melhores que os homens.

Ripança. Estava bem aviado se me gulasse agora por cabeça de mulheres.

D. Ripança. Se tivesse seguido meus conselhos não tinha

passado os trabalhos que tem passado, nem em linha soffrindo tanto desgosto: va andando e depois não se queixe; vosse por outra vez já escapou de morrer de hum tiro; por outra vez veio na porta casa com a casaca toda rasgada, e com a cara toda com um bulto das balizas, e murros que aguentou por causa do abelhudo, e ir-se metter com o negocio das letceas; e ainda não está escarnecido; se fizesse o que eu lhe tenho dito podia estar muito sosegado na sua loja cuidando no arranho de seus filhos sem lhe importar mais nada.

Ripanso. Ora, Sr. quem lhe encomendou o sermão? a modo que está hoje muito rethorica! eu de na sua costura; e não se lhe importe com o mais.

D. Ripansa. Sim, estou *resolida*; porque eu depois é que sinto a coisa, e não os vizinhos que não se importão com o que vosse tem; ainda me lembrão as picadas que n'outro dia chorei quando lhe sergi a casaca; que foi rota por causa das suas birras euforas; agora se me vier com astripas de fora, eu é que o quero gemer; então é que ha de dizer — bem mo dizias Ripansa...

Ripansa. Derxe vir, não é da sua conta; ainda que saiba de quem ha de haver a republica que eu quero.

D. Ripansa. Talvez te enganes, Ripanso... parece que te vão ao fuar...

Ripansa. Não me engano; não, ha de have-la.

D. Ripansa. Parece-me que não...

Ripansa. Não me contradigas, sinão atiro-te com este livro a ella...

D. Ripansa. (rinsmungando) Nem que fosse coisa que não se podesse viver sem ella... republica!... se fosse rapadura... ainda... ainda... mas republica!... não sei o que lhe diga.

Ripansa. Voce é teimosa que é o diabo; fique-se com a sua teima que não estou para a aturar; voce já está costumada a levar a sua avante, e a fazer o que quer. (retira-se, e Ripansa faz o mesmo.)

SCENA XV.

(*Entra* Barão de Serpeja, Pinto-mouro, e Janes.)

Janes. Que o Duque vem, já não se pode duvidar...

Barão. Então será bom o declararmos-nos já...; porque não

quero pagar o mal que não fiz; quem as arma; que as desar-me: eu bem disse logo que a obra do *Ripasso*, e *Perneira* havia de dar em agua de barrella; mas ao menos tenho a consolação de que não fui a causa do Duque sahir, antes chorei como uma criança quando Elle se foi; porque logo vi que a minha Patria estava perdida; assim mesmo nós tres temos molli-do-bem a sopa no mel na ausencia; em quanto acharmos tolos vamos sope-teando; mas se cuidão que estamos promptos a arriscar as vidas para sustentar as suas asneiras, enganão-se; coitados dos palermas, *Janus*. Pois V. S. cuida, Sr. Barão, que se a coisa principia a dar de si que eu fico assim? mudo logo de linguagem, V. S. verá; e eu... eu que os conheço! Nada; já fui humia vez ao *Hayre*, e não fiquei com sandades de lá tornar; hei de mostrar que não sou inimigo do Duque; defendi-o até á ultima, de que não me arrependo; e hei de tornar a defende-lo deixe fallar estes meus amigos, e dizerem que o *homem* era máo; máos, e bem máos são estes *mulandres*; mas por ora não ha remediação a ir vivendo com elles; assim é necessario; eu vou-os combellando, conto-lhes quatro lérias, e elles cahem como uns patinhos; pergunte-lhes V. S. por mim, e verá se elles dizem agora o que ántes dizião — que eu sou *escravo*, *separado*, *sem de pagar*, e o mais que elles querião; agora, não tenha medo, já sou homem de bem, patriota honrado, etc.; e ha de ver, Sr. Barão, que sou ainda o mesmo homem; esta é que é *liberdade*, ah... ah... ah.

Barão. Assim é que é leva-los: jogar com um pão de domínios meu amigo, e estar seguro a duas amarras, é o meu systema; mas nada de arriscar... de boca quanto quizerem.

Pinto-mouro. Arriscar! quem é tolo! sem elles perceberem posso fazer serviços revelantes ao Duque.

Janus. Relevantes é que se diz, Sr. *Pinto-mouro*.

Pinto-mouro. Enganei-me, digo revelantes...

Barão. O verdadeiro é o Duque correr uma esponja por cima de tudo, e principiar-se *vidua nova*.

Janus. Necessariamente; mas ao *Ripasso*, e *Perneira* é que não ha agua que os lave; eu bem lhes dizia, quando eu estava o Duque, mas estes tolinhos... he bem feito...

Pinto-mouro. Mesmo esses talvez não tenham perdido o Duque é tão cheio de amnistias, que não sei o que lhes diga...

Janus. Também são os únicos de quem Elle deve ter escandalo; porque os mais entrarão; como Pilatos no credo; vamos por ora indo; quando for tempo declarar-nos-hemos; isto é o que faz o habil estadista, o politico subtil, anda com os tempos; olhem lá o *M. de I.* o que foi, o que é, e Deos sabe ainda o que será!

Pinto-mouro. Pois um homem não é nenhuma rocha! muda quando é necessario; hoje convém huma opinião, amanhã outra; o homem fino o que faz é tentar a cousa de maneira que esteja sempre seguro; o glorioso, nem sempre ha de ser glorioso; tudo muda neste mundo; mas nada de arriscar o numero um; mostremo-nos grandes em theorias, porem expor a vida para sustentar uma asneira que ha de cair por força, não ha de ser o filho da velha... vamos animando os pobres homens ao menos com palavras, ja que não pode ser por obras: veremos logo o que se faz no conselho ripansal.

SCENA XVI.

Apparece Ripanso (em uma sallay, e seus secretarios) e os membros do concelho que se achão presentes permanecendo todos em silencio.)

Ripanso (coltando a cabeça para Aurelio, e continuando so no passeio.) O' lá o que tem feito vosse? *(Aurelio (conservando-se em pe, e em attitude respeitosa.)* Dei cumprimento a execução das suas ordens; e espero que o fogo se acie contra a gente do alem-mar, segundo a vontade da soberana floresta; e do seu digno regedor; creio que o papel que assignei havia de estar a seu gosto?

Ripanso (continuando no passeio.) Podia ser mais apimentado: no lugar em que diz — que maltratão os naturaes do paiz — devia carregal-lhe mais a mão de sal; e acrescentar — que tem chegado a tanto a insolencia d'estes melevolos, que ja matarão um exemplar nato, com uma cutilada que lhe derão na cabeça; e já, já, declarado guerra á gente de cor, e querem tão mal com os negros, que fzerão trácios de polé a um homem so por ser negro; e o metterão abordo de um navio, quebrando-lhe estes sacmornos uma perna; que os naturaes do paiz que nem

brios, e honra já não podem ver estes assassinos que querem roubar a nossa terra, e levar-nos tudo quanto possuímos; que são uns perturbadores do sossego publico, e estão sempre matando, e opprimindo os naturaes honrados, que vivem como si fossem seus escravos.

Aurelio. Tive receio de dizer tanta mentira, pareceu-me melhor mentir com mais sengoeza, mesmo para não se porer por ahi a gritar que diziamos dos outros aquillo que nós mesmos praticamos.

Ripanso. Não me serve... (*passando*) não me serve para secretario. O he muito escrupuloso... que tem voce que dissessem que era mentira? Voce escreveu para aqui, ou foi para fora? Para aqui não; porque todos sabem que isso é falso; foi para soar ao longe. Sr. Aurelio, que eu mandei passar o papel; quem está longe não sabe o que aqui se faz, e vendo esse papel assignado por um dos meus secretarios, engalhe a pata, e levanta-se contra esses estrangeiros que não tem papelleira, que é o que eu quero... meu amigo para um bom secretario ainda hade tomar muito mollo de sal (*fallando comsigo, e continuando no passeio*) é desgraca minha, que não encontro senão bestas para me servirem!... paciencia...

Aurelio. Se quer, torno já a fazer outro mais forte; o Sr. Ripanso conhece a boa vontade que tenho de o servir; posso errar, mas não me faltão bons desejos de acertar; queira desculpar-me por quem é...

Ripanso. Está bom continue nas outras medidas que eu lhe indiquei; e você o que tem feito? (*voltando-se para Marinho, e continuando no passeio.*)

Marinho. Mandei recomendar para bardo aquelle mulato atrevido conforme me ordenou.

Ripanso. Mandou que lhe dessem boas tosas, e lhe metessem a vassoura na mão?

Marinho. Sim Senhor, fiz tudo quanto me incumbio.

Ripanso. (*passando e fallando comsigo.*) Maroto!... brejeiro!... Estes mulatinhos não se querem desenganar; cuidão que estão no tempo do tyranno que os afagava... que faça agora um acorvadiao!... a estes mulatinhos atrevidos, é agarrar los, e meter los meter a ferros no porão; ouviu Sr. Aurelio, e Sr. Marinho?...

Os dous. Sim Senhor,

Marinho Partecipo que já mandei engajar a gente para o serviço do mar.

Ripanso. (continuando no passeio) Recomendou que não queria vadios?

Marinho Sim Sr.; mas quando fallei n'isso, derão-me huma fadida; dizendo-me que empregado não vinha cá nenhum.

Ripanso Esta bom; que não sejam fujões o mais não importa; Deos queira que aquelles que o Sr. *Antro* mandou engajar, não sejam rusguentos senão perde-se a obra, e o feitiço; tomara eu que já chegassem, que quero então ver se os mulatos pião; cuidavão que estávamos ainda no tempo do papai *Duque* que não se fazia distincção do homem branco ao de cor; enganarão-se, como lhes tenho mostrado, e continuarei a mostrar. (saltando-se para *Antro*) E vosse, Sr. *Antro* execute aquellas ordens?

Antro Sim, meu Sr.; demitti hum, e envie outro para longe; as outras ordens hão de se ir seguindo.

Ripanso (continuando a passear) Bem... bem... temos ainda muitos recursos o que se quer é que vosses não durmão em estado de indolencia.

Antro (fazendo cada um a sua zumbaia) faremos da nossa parte para cumprir com nossos deveres.

Ripanso (continuando no passeio) (Os meus dous amigos lá na costa, que são dous sacos de m.... nada fazem.... hum...

... por ora estou callado.... é necessario tractarmos das outras medidas de precaução para evitarmos a invasão do *Duque*, que diz Sr. *Barão da Serveja*?

Barão da Serveja. Em quanto a mim não vejo difficuldade nenhuma em organizar-se já e já um exercito respeitavel; e defenderem-se as Costas por uma linha de fortificações que possam impedir qualquer desembarque; dem-me a mim hum exercito já não digo de 2000 homens, mas de 10, mesmo de 5, ou 2 mil homens, que eu dou a minha palavra de honra que o *Duque* não põe o pé em terra; porque no momento que tal tentasse, mandava eu fazer fogo das baterias, e a infantaria postada em linha pelas nossas praias sem se precisar de descargas carregadas só com simples tiroteio, impediria que se aproximasse da praia o *Duque*; e dado o caso que rompendo a linha do fogo Elle chegassem a pisar terreno, eu fazendo sa-

hír da emboscada huma parte do exercito, que tinha posto de observação, havia de cortar-lhe a retaguarda, e metê-lo entre dous fogos vivos; o Duque vendo-se neste apêrto, não tinha remedio, senão render-se; logo eu o obrigaria a sahir do territorio; e a minha cabeça, Sr. Ripanso, não tenho vergonha de o dizer, porque já me tem acontecido mais vezes: sim a minha cabeça seria então ornada com a corôa ou capella como lhe queirão chamar....de....gloria sem par....

Ripanso. O que diz a isto, Sr. Po Fulminante?

Po Fulminante. Approvo o plano do Sr. Barão; e como não quero roubar-lhe a corôa que deve ornar tão merecedora cabeça, eu me offereço para só inspecionar debaixo das suas ordens as fortificações da costa se for do agrado do Sr. Ripanso.

Ripanso. Por terra não tenho eu medo; porque temos uma forte retaguarda nas montanhas inacessíveis, e nos desertos vastíssimos; se houver perigo, he fugir para lá, que estamos seguros.

Madrinho. Pois por mar eu affianço ao Sr. Ripanso que o Duque não é capaz de entrar: dou licença que venha cá o diabo desse Inglez que perdeu as botas; porque eu sabêla com um Berlote de minha invenção dar cabo de toda a esquadra do Duque; venha venha cá o tal Inglezinho que não lhe temia medo.

Jakus. Eu não entendo da arte da guerra, como o Sr. Ripanso, porque o meu estado he bem alheio desta profissão; mas não posso crer que as nossas montanhas, e desertos nos sirvão de forte retaguarda; de que nos vale sublimos as montanhas, ou mesmo as nuvens? para que atravessáremos os desertos? para morreremos de fome? contaríamos com o maná do Céo para nos alimentar? creio que não mereceremos essa graça de Deos: ora, como para viver é necessário comer, e lá não o ganharmos será necessário que o roubemos aos vizinhos: ali cabê a chusma sobre nós com paos, forcos, roçadoras, e nos tratarão todos como ladrões que somos: e quem mesmo ha de querer q' comossem, si lá não temos cofres d'orçãos, as notas de marott já se engolirão, e para cunhar chan-chab, ainda que lá corresse, faltariam as caldeiras velhas, taxos, e forros de navios que aqui temos? além disso era necessário levar comosco capateiros, alfaiates, costureiras, lavadeiras; pannos para calças, e para jaquetas (si não quizessemos por lá andar de casaca);

chapéus para cabeça, ditos da chnva, enfeites para as Sras., etc., etc. porque lá nos desertos não ha destas coisas, senão quizermos viver como quilombolas; por isso digo que nada de desertos, ou montanhas senão vimos por ahí agarrados todos, como negros fugidos, ou salteadores de estrada; parece-me que o Sr. Ripanço quer mangar connosco offerecendo-nos a sua forte retaguarda, e na occasião do perigo procura arsenaes, e não montanhas; he esperto mas eu não me quero servir da sua retaguarda; aqui he que se deve fazer a guerra.

Ripanço. Tenho medo que se desenvolva o partido com a chegada do Duque; porque então nenhum de nós escapa. Vejo os insultos muito contra nós....

Janus. Eu ja n'outro dia disse em huma loja de ourives meu conhecido, bem alto para ouvirem, vergalhada, e mais vergalhada n'esse bode que está a bordo, e aos outros para não serem atrevidos....

Pinto-mouro. Em quanto a mim era deixar o Duque entrar dentro da Cidade, e depois pôr-lhe um sitio apertado, que Elle tinha de se render impreterivelmente; interceptadas todas as communicações, bloqueada a Cidade, nós poderíamos impor a lei e fazê-lo render á falta de munições de boca.

Barão de Serveja. Isso é nova tactica, deixar entrar o Duque para o depois o sitiár! bem mostra Sr. Pinto-mouro, que não cursou aulas de engenharia.

Pinto-mouro. Então quer o Sr. Barão dizer que eu sou um ignorante na arte de guerra, e que ja conclui um sitio com grande vantagem.

Barão. Isso foi n'outras circustancias, e ainda assim a victoria foi devida a hums doze contos de réis.... e vem V. S. contar-me historias, cuida que não se sabe tudo; e as barras d'ouro que recebeu?...

Pinto-mouro. Não seja atrevido Sr. Barão; cá não ha nota; ainda não consta que roubasse como V. S. tem feito.

Barão. Oh! V. S. he muito honrado; as barras d'ouro, e o cavallo foi dado por vontade!.. He homem muito de bem, tem muito character,....e muita honra..he militar ás direitas...por estar...*(fazendo hum oculo com os dedos)*.

Pinto-mouro. Para o Sr., sou homem; pode puchar quando quiser que não lhe tenho medo...

Bardo. Quantos tem mortos?

Pinto-mouro. Não diga isso brincando que me tem assim mesmo metrido alguns nas mãos... saiba essa.

Bardo. Disse-lhe gabará V. S., ou tanto podia eu dizer se fosse gabola; mas não tenho esse genio.

Pinto-mouro. Sim Sr. não adama; foi donato devia servir bem o Guardião...

Bardo. Donato, ou leigo é V. S. que he um ignorantão de chapa.

Pinto-mouro. Qual de nós será mais tollo! eu ao menos posso gabar-me que já commandei exercitos, ... e V. S. só se commandou quadrilhas...

Ripante. Oh Sr. aqui assim sem respeito nenhum! arre que isto já fide... he mais que atrevimento! Faço favor quando sahiam d'aqui de metterem, humma rolha na boca, ou áonde quiserem de sorte que la fóra não quero que respirem estas honras vergonhas e desavencas! Acabemos com isto, que receo mal... já me custa a suste-los!... tollos, e malcreados são os que me rodeão... forte desgraça a minha!...

SCENA XVII.

CANTATA GOSTOSA

Razeta

Se querem ao bom Razeta

Não agora improvisar,

Atenção, que d'um heroe

O caracter vai cantar,

Estribilho

Cada vez é mais pamonha

Pois quantos dias mais conta,

Tanto mais perde a vergonha.

O Juro de nossas dias,

Meio gordo, alto, e pausado,

Só para ganhar dinheiro,

He n'utro p'ra prompto tudo.

Cada vez é mais pamonha etc.

Pernas finas, cara larga,

Boca grande, e desdentada,

Deitando de perdigotos,

Quando falla, uma enxorrada,

Estribilho

Cada vez é mais pamonha:

Pois quantos mais dias conta,

Tanto mais perde a vergonha.

Nariz grosso, e voz clangosa,

Um ar acapadoçado,

O chapéo branco á belina,

No apitar mui tequebrado.

Cada vez é mais pamonha etc.

Com bengalia e Simplicia,
E cordão de pexisboque,
Quer ser Adonis por força,
Mas é Adonis moleque.

Cada vez é mais pamonha, etc.

Apezar de trazer fundas
Em todas tuas virilhas,
E' devasso, e deborado,
Então á mil maravilhas!!!

Cada vez é mais pamonha: etc.

Infame por natureza,
Bandalho de profissão,
Velhaço por sympathia,
Asno por imbirração,

Cada vez é mais pamonha: etc.

Ghena o roubo da Luiza
Pelo basbaque do coco (1)
Arde em zellos, se arreabella,
Estimura a cara com soco.

Cada vez é mais pamonha etc.

Mas não lhe sendo possível,
Viver sem nova costella,
For bavear *nhân-nhân Ignez*
Que tem a cor de bringella.

Cada vez é mais pamonha etc.

Tem as lições expressivas,
O nariz abarracado,
Os lábios são deus rebollos,
Alvo o tabello enrolado.

Cada vez é mais pamonha etc.

Dois alminhas n'um corpo
São estes dois namorados
Se ella faz-lhe um so me deixe,
Elle faz tres esquecidos.

Cada vez é mais pamonha etc.

Mendengoso, o terno amante,
Da sua *nhân-nhân Ignez*
Quando ella tem faniquites,
Elle dança o Solho Inglez.

Cada vez é mais pamonha etc.

Com fumos de sabizão
Rabisca immenso papel,
Ensina *ex cathedra* logica,
Porem logica d'Angel.

Cada vez é mais pamonha etc.

Muito comesinho amigo
Do grão *Bernardo d'el Capim*,
Tambem ensina á sarrelha
Conjugar o verbo *rapia*.

Cada vez é mais pamonha etc.

Politicão de chupeta,
Ora é cego realista,
Ora constitucional,
Ora grão federalista.

Cada vez é mais pamonha etc.

Republicano ás direitas,
A' la *Americana Inglesa*,
Mas não excede em desejos
Ao neto da mãe *Andreza* (2)

Cada vez é mais pamonha etc.

E' Janus que agrada a todos,
Quantos estão no poleiro,
Com tanto que por servi-los,
Lhe provenha algum dinheiro.

Cada vez é mais pamonha etc.

Como é *prompto p'ra tudo*,
Defenderá (vendo os trocos)
Contra o Imperio da China
O proprio Rei de Marrocos.

Cada vez é mais pamonha etc.

(1) O defuncto Pereira da Cunha,
tambem conhecido pelo nome de
moçoquinha de Santa Catherina.

(2) O pardo Joaquim picapáua
por outra, o fome canina.

Sé prompto a ser Lutherano,
 Ou Calvinista, ou Judeu,
 Será ate, se quizerem,
 Deista, ou mesmo um Athéu.
 Cada vez é mais pamonha etc.
 Se hoje visse restanrado
 No Brasil Pedro Primeiro,
 De rastos lhe pediria
 Beijar-lhe o proprio trazeiro.
 Cada vez é mais pamonha etc.
 Sem não fazer-se vermelha
 Aquella cara estanhada,
 Cem mil baixezas faria
 Co' a mesma arte costumada.
 Cada vez é mais pamonha etc.
 Meu Senhor,, então diria
 "Não sede conmigo esquivo :"
 "Aqui estou a vossos pes,
 "Ainda sou vosso captivo.
 Cada vez é mais pamonha etc.
 "Se Vós fiz tantos ultrajes,
 "Me pagavão para isso :"
 "Bem sabeis que pr'a diheiro,
 "Nunca mostrei-me renisso.
 Cada vez é mais pamonha etc.
 "Se agora Vos Dignardes
 "Dar-me mais uma commenda,
 "Em mim tereis novo Athleta,
 "Que vossas accões defenda :"
 Cada vez é mais pamonha etc.
 "Bradarei contra esta corja
 "Infame, e vil chimangada,
 "Dinei, que deve ser toda
 "Perseguida, e inforcada:
 Cada vez é mais pamonha etc.

"Quivi este latimzinho,
 "Este argumento—*ab homine*(3)
 "Ah! *non intres in iudicium*
 "Cum servo tuo, Domine!!!
 Cada vez é mais pamonha etc.
 Parece que o estou vendo
 Chorar pela cara abaixo :
 E tal voyó Ignéz,
 Como tinha bixa ao caxaco,
 Cada vez é mais pamonha etc.
 Dizer te,, mardita genti
 "Qui o n'eteu neste enleio!!
 "Nhónhó, você teve a culpa
 "De não tomá meu conceito!!!
 Cada vez é mais pamonha etc.
 "Você nunca tevi bom
 "Esse mardito miêlo :"
 "Cum Luiza foi bregêro,
 "Cum migo fuisse de tolo,
 Cada vez é mais pamonha etc.
 "Vote, um ome quebrado,
 "De todas duas vicia,
 "Si havéra cuidá nas funda,
 "Vai cuidá em filistia.
 Cada vez é mais pamonha etc.
 "Como a muie pra conselhos,
 "E' caxorro, não é genti,
 "Agora xore na cama,
 "Que é lugá, ou parti quenti.
 Cada vez é mais pamonha etc.
 Ora eis-aqui, meus senhores,
 Em breve, e fiel arenga,
 De Iannus o bom caracter,
 E da Ignéz a longa lenga.
 Cada vez é mais pamonha.

(3) Assim elle explicava Genuense na sua aula no argumen-
 to—*ad hominem*—

Na Typographia Paraguassu, de D. F. Pinto, rua do Sr. dos Passos.